

# DIVISA DE ESTADOS DISTÂNCIA FEDERAL GOIÁS



## AVENTUREIRO? NÃO. VIAJANTE. DIÁRIO DE BICICLETA

Leandro C. Navarro (Jornalismo - UNIVEL)

O sol estava a pino. A paisagem árida, quente dos meses finais do ano, contrastava com a vontade de concluir meu objetivo. Pedalar tornou-se uma tarefa difícil e muito cansativa. Meu alívio era poder contar com água fresca em meu cantil preso à bicicleta. O asfalto estava quente, liberando um vapor. Ao longe a visão parece deformada, como uma miragem no deserto e cria um novo sentido a tudo o que os meus olhos conseguem enxergar.

- Será que todos que eram contra esta viagem tinham razão?

Me perguntei muitas coisas neste instante, tive medo. Medo de não chegar ao ponto em que planejei, ou dos perigos da estrada muitas vezes sem acostamento. Venci o medo em muitos momentos me concentrando nas histórias que acumulei pelo caminho, e, pedalei.

- Me considero um observador. E ao contrário do que muitos pensam, não sou aventureiro. Sou um viajante. Cada uma das viagens que fiz foram cuidadosamente planejadas. Levo o ano inteiro no planejamento, compro equipamentos e tenho uma lista das coisas que levei em viagens passadas para avaliar se teve utilidade, se pode ser melhorado, se eu devo levar novamente. Por exemplo, na primeira viagem que eu fiz, eu dormia na barraca sobre o chão, hoje tenho um colchão e travesseiro infláveis que não ocupam muito espaço quando estão vazios e são fáceis de serem transportados.

Minha meta quando planejei a primeira viagem era sair de Cascavel rumo à Cuiabá no Mato Grosso. Na volta pegaria um ônibus de volta ao ponto inicial. O Pantanal foi atravessado, uma viagem de três dias. O problema é que o retorno demoraria três semanas, então o que fazer nesse tempo? Pedalar mais. Mudei o roteiro e estiquei o percurso até a Bolívia.

Não parei por aí. Hoje estou com 26 anos e consegui completar com êxito cinco viagens de bicicleta pelos estados brasileiros e países vizinhos, incluindo Paraguai, Argentina, Uruguai e Bolívia. Meu nome? Vitor Trombini.

Eu gosto de andar de bicicleta. Quando eu frequentava academia de musculação, meu exercício favorito era pedalar na bicicleta ergométrica, só saía após lavá-la com

suor. Quando preciso me locomover pela cidade, minha primeira opção é ir de bicicleta. Se por algum motivo não puder ir de bicicleta vou de moto ou de carro. Mas a primeira opção é sempre a bicicleta. A mesma bicicleta me acompanhou nas cinco viagens que fiz.

Na segunda viagem, em 2004, estava acontecendo o Fórum Social Mundial em Porto Alegre-RS. Então minha viagem foi planejada em torno deste evento. O percurso que realizei é sempre circular, sempre volto por um caminho diferente do caminho de ida. Desta vez pedalei pelo Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

São Tomé das Letras é um município localizado em Goiás, fica próximo à Varginha. É uma cidade com um potencial histórico incrível e um lado místico muito forte, pelos relatos de pessoas que afirmam ter visto discos voadores na região. Verdade? Ficção? Não sabemos. Mas é uma cidade linda e mereceu uma viagem de bicicleta para conhecê-la. Foi minha terceira viagem. Lá em São Tomé das Letras conheci o músico e hippie Ventania. Conversamos por horas, a noite virou madrugada e pouco antes de amanhecer saí da casa dele e fui caminhar pelas grutas do local, à espera do nascer do sol. Conheci lugares incríveis, a natureza é muito linda naquele lugar.

Na quarta viagem eu já estava com mais prática. Já não me cansava tanto. O plano agora era conhecer a Chapada dos Guimarães e a Chapada dos Veadeiros - GO. O percurso desta vez foi de 4.900 quilômetros, durou 58 dias. Todas as viagens duraram em torno de dois meses, período em que estou

Continua p. 2 ▶▶

EDITORIAL

## SINE QUA NON

Talvez uma das primeiras experiências que vivemos ainda muito cedo e que podem ser entendidas como um momento de superação dos nossos próprios limites acontece quando conseguimos andar sozinho de bicicleta pela primeira vez. A sensação de que somos senhores de nós mesmos: a primeira vez que nos compreendemos como sujeitos no trato com as forças desse mundo. É sobre a paisagem imaginária que se abre a partir dessa memória universal da inocência frente ao mundo que esse número do Outra Pauta foi concebido.

Tudo isto é para expressar que nossos oficineiros já estão conseguindo "andar sem as rodinhas" - qualquer processo de ensino só tem sentido se consegue produzir esse bem volátil chamado autonomia - condição cada vez mais rara nesses tempos de clones, cópias clandestinas e simulacros. Não se consegue isto por meio de imposições - daí não trabalharmos com um "modelo" de texto definido para o jornalismo narrativo.

Os sentidos que percorrem palavras como singularidade e comunicação não são necessariamente excludentes. Na verdade, só pode existir comunicação de algo que em essência é singular. Tornamos comum algo que antes se encontrava encoberto pela desatenção das rotinas. A veia jornalística que pulsa no que de melhor se pode produzir nesse campo de atuação é nutrida sempre pela busca da diferença. É sua condição sine qua non. Comunicar o que já está instituído significa contentar-se e comprazer-se na redundância - esse outro nome para a falta de percepção histórica (aquilo que o filósofo alemão Theodore Adorno considerava como um modo de ser inverso ao de uma existência alienada).

Chega o momento de olhar sobre os próprios ombros para nos darmos conta da perspectiva que se forma a partir do que já percorremos. Já se passou do meio do caminho e, ao longo das etapas que foram transpostas com tranquilidade, todos os participantes da oficina conseguiram se libertar sensivelmente das amarras da redundância. É possível manter a identidade do jornalismo de outra forma que não através de clichês e visões de mundo cristalizadas. Um pouco da graça com a qual se descobre o prazer do equilíbrio no próprio movimento. Foi assim que se chegou à bicicleta como signo e síntese de sentidos mais amplos que convergem todos para essa dimensão de sensibilidade sem a qual é impossível se tornar verdadeiramente jornalista: ou se é autêntico e espontâneo de fato e direito ou então jamais se chega a lugar nenhum. Vamos ao nosso passeio sobre rodas que jamais podem recortar o mesmo chão duas vezes. ☐

de férias na Uniãoeste, onde curso o 4º ano de Letras. A data que passei por Brasília coincidiu com a data da cerimônia de posse do 2º mandato do presidente Lula. Conheci várias pessoas diferentes nesta ocasião, gente que também se aventurou de outros estados até Brasília, inclusive de bicicleta.

Foi nesta viagem que decidi procurar pelo Pavão do Pedal, um turista que percorre o Brasil de bicicleta. Sua residência, quando não está em suas viagens, é na Chapada dos Veadeiros.

Muitas pessoas não entendem o que eu faço, chamam de hippie, trecheiro, até pagador de promessa. RARARA - Vitor solta uma gargalhada - Não sou nada disso, apenas gosto de pedalar e viajar...

Arquivo pessoal Vitor Trombini

Vitor calmamente toma café com leite enquanto conta sua história sobre duas rodas. Na minha xícara, café puro. O relógio já marcava 8 h 30 da noite quando percebemos que chovia. Vitor corre recolher sua bicicleta e a guarda na varanda, ao abrigo da chuva.

Esse tipo de viagem se chama *ciclo turismo*, em minhas viagens conheci muitas pessoas legais. Uma delas foi o também ciclista Arthur Simões Cardoso Neto. Ele está pedalando pelo mundo e aqui no Brasil eu o encontrei na estrada. Ele tem um site, com seu diário de viagens, podem acessá-lo em [www.pedalaestrada.com.br](http://www.pedalaestrada.com.br).

Na Argentina, em Rosário, conheci o fundador do museu do Che Guevara em La Higuera, Bolívia, ele morou com Alberto Granado, amigo pessoal de Che Guevara. Ambos viajaram juntos de motocicleta percorrendo vários países da América do Sul.

Na viagem mais recente que fiz percorri 3 países. Paraguai, Argentina, Uruguai, cheguei ao Rio Grande do Sul, Santa Catarina e retornei ao Paraná. É impressionante o que podemos fazer com força de vontade. Conheci lugares incríveis, mas os melhores foram lugares quase desconhecidos. Nas cidades turísticas perde-se um pouco do contato pessoal, pois tudo gira em

tomo de passeios turísticos e coisas do gênero.

Este ano Vitor não vai viajar. Decidiu ficar em Cascavel porque está se formando e gastaria muito tempo envolvido com o planejamento da viagem. Quando ele decide viajar, planeja a viagem todos os dias. Mas muitas coisas não podem ser previstas no planejamento, é o caso de doenças. Em uma das viagens Vitor machucou a mão, devido à baixa imunidade, contraiu gripe. Levou 15 dias para se curar. Mas tudo acabou bem. Nosso bate papo durou em torno de 2 horas, e revelou que além de viajante, Vitor é uma pessoa que gosta de tarefas simples do dia a dia. É assim que ele se exercita. Exercício pra mente, exercício para o físico. Enceramos nosso bate-papo com um aperto de mão e um até logo, esperamos em breve ter mais notícias de viagens para assim, ampliar nosso diário de bicicleta. ☐



## FILHO DESTAS PISTAS UM HERÓI SOBRE DUAS RODAS

☐ Evandro Paulo (Jornalismo - UNIVEL)

Depois de falamos sobre os super-heróis, sobre as crianças e o consumismo, vamos fazer um pequeno gancho entre os dois temas, retratando um sonho de consumo de toda criança e um super-herói que Cascavel conhece bem.

Não há dúvidas de que as bicicletas alcançam o topo da lista de sonhos de toda criança. Todo mundo um dia teve seu tempo de ansiedade pelo próximo aniversário, para que pudesse chegar o dia de ganhar a sua própria bicicleta. Mesmo sabendo que depois de certo tempo ela ficaria velha, pequena e seria substituída por carros e motos, a maioria de nós alimentou o sonho da bicicleta própria. Um cascavelense está fazendo história pelo Brasil agora nas competições, e já é um ícone do ciclismo nacional, exemplo de um super-herói que, ele é tão super que é até conhecido como *The Flash*. Nilceu Aparecido Santos, o herói do ciclismo de Cascavel, me recebeu em sua casa. Uma casa modesta no bairro São Cristóvão, que não se assemelha com nenhuma *Bat Caverna*, mas que guarda um tesouro de luta de um campeão. A seguir vou partilhar com você, caro leitor, a experiência de conhecer um pouco mais de um super-herói por trás de sua máscara:

Evandro - Nilceu como começou seu interesse pela bicicleta?

Nilceu - A bicicleta é um meio de transporte universal, são poucas as pessoas que não gostam do ciclismo e da bicicleta em si. Eu sempre gostei desde pequeno, andava pelas ruas, fazia acrobacias, fazia *bicicross* nas pistas de alto relevo... De um modo geral sempre adorei bicicleta e também a usava como meio de transporte para ir às aulas, durante um curso de torneio mecânico que fiz. Depois também para trabalhar como torneio mecânico. Então a bicicleta é minha vida, foi e agora está sendo mais do que nunca.

Vemos a imagem clara de um super-herói que não nasceu com super poderes. Mas antes de ser *The Flash* existe o Nilceu, torneio mecânico, que usava a bicicleta para trabalhar como qualquer um de nós.

Evandro - De onde surgiu a idéia ou qual foi o incentivo para competir?

Nilceu - Eu sempre fui um esportista, sempre gostei de futebol e sempre me destacava nos esportes que praticava durante o colégio ou mesmo entre amigos. Cheguei até a jogar vôlei, mas como sou de baixa estatura não dava muito certo. Mas mesmo assim jogava bem, porque corria muito e tinha uma ótima resistência. Em 1996 fui chamado para servir ao exército onde comeci a me destacar no atletismo. Eu tinha conhecidos que comiam de bicicletas, um deles que considero como da família me convidou para treinar com ele. Ele

corria como profissional e eu mesmo como apenas por hobby e com uma bicicleta bem inferior a dele aceitei o convite para fazermos um treinamento juntos. Foi onde ele me elogiou dizendo que eu tinha bom condicionamento físico e que apresentava bom potencial para competir. Fiquei com aquela história na cabeça e ele me ajudou a montar, aos poucos, uma bicicleta para competir. Ai o seu Seu Carlos da Calçados Cascavel, um dos pioneiros do ciclismo na cidade começou a me ajudar com peças para a bicicleta e ajudadas de custo. A partir de então comeci a me dedicar mais aos treinamentos alternando entre o trabalho e o ciclismo, até que após ter concluído o 2º grau percebi que o ciclismo realmente tinha chances de dar certo e parei de trabalhar para me dedicar, hoje sobrevivo apenas do ciclismo.

*A partir dessa declaração Nilceu demonstra um claro espírito de otimismo e determinação, ao sair de sua área de segurança, abandonar seu emprego de torneio mecânico e seguir para um mundo com horizonte incerto: o do esporte.*

Evandro - E qual a maior dificuldade que você enfrentou? Nilceu - Com certeza a maior dificuldade que todo atleta encontra hoje é a do patrocínio. Hoje eu conto com dois grandes colaboradores daqui da cidade, a Unimed que me auxilia nas viagens e o Cetear que me ajuda na preparação e no treinamento.

Nilceu deixa claro que muitas vezes é preciso ter humildade, e aceitar ajuda pode ser uma bela opção de primeiro passo.

Evandro - E para a saúde o que você diria para quem quer sair do sedentarismo e praticar o ciclismo?

Nilceu- Ciclismo é sem dúvida uma das mais belas modalidades de esportes para se praticar, e existem incontáveis benefícios cardiovasculares. Sem contar que se trata de um exercício aeróbico completo e altamente eficaz para queima de calorias.

*Belo. É como ele caracteriza o esporte. Transparece o amor que o herói sente em utilizar seu talento para servir de exemplo.*

Evandro - De onde vem o apelido *The Flash*? Nilceu - Em uma competição na hora em que o pelotão se aproxima do final existe o *sprint*, que é a disputa dos mais velozes e o *sprintista* é o que se apresenta com melhor condicionamento físico e também o mais veloz. Quando estou bem preparado chego a abrir uma vantagem de duas a três bicicletas dos outros competidores e por essa velocidade um amigo me apelidou de *The Flash* porque o personagem do desenho também era rápido.

*Estou certo de que o The Flash do desenho deveria ser quase tão rápido quando o Nilceu, mas este é real, e não ficção.*

Evandro - O que você diria para quem deseja seguir os seus passos no esporte? Nilceu - Veja bem, a bicicleta foi inventada na França, e os primeiros modelos que se tem registro na história eram movidos apenas por impulso, andavam em linha reta e não possuíam pedais. Digo que as pessoas se interessam pelo esporte não apenas pelo ciclismo, mas por todos os esportes que seguirão uma vida de saúde plena e com melhor condicionamento.

*Fala o esportista, fala o cidadão. O direito de falar vem pela sua experiência: levar o esporte a sério é essencial.*

Evandro - E como é para você ser um exemplo para Cascavel e levar o nome da sua cidade lá pra fora? Nilceu - Fico muito feliz de ser morador de Cascavel, agradeço a todos que me apoiaram, que torce-



## CONTRA A LEI DA GRAVIDADE DO CHÃO NÃO PASSA

☐ Rony Santos (Jornalismo - UNIPAR)

*“Sinto que eu preciso vir aqui (pista no Giro Nardi). Se eu não vier, eu não sou eu.” Leonardo Kupfer*

Faz uma hora que parou de chover. A relva molhada, as árvores balançando suas folhas com o vento pós-tormenta. Tudo parece estar calmo, ou, raramente à calmaria.

As pessoas caminham na pista, uma, duas, três...dez voltas, tudo para ficar bem no verão. As quadras do Giro Nardi ainda estão molhadas, não em seu todo, apenas pedaços da pista formando alguns espelhos d'água, quebrados pelos pneus de bicicletas que cortam a pista em grande velocidade para subirem a rampa e pularem ao vento. Por um segundo o tempo pára, tudo fica lento. Logo depois a lente da câmera fotográfica apenas capta o vulto de jovens que praticam o *BMX Freestyle*.

O esporte que ganha mais destaque a cada ano, grande parte por causa dos *X-Games* (um tipo de olimpíada dos esportes radicais), nasceu na década de 70 nos Estados Unidos e chegou ao Brasil em 1978. Brotou dos corações de jovens americanos que, com tanta vontade de imitar seus ídolos do *MotoCross*, faziam pistas para as corridas usando bicicletas aro 20 para imitar as motos de seus heróis.

A *BMX* (*Bicycle MotoX* ou *Bicycle MotoCross*) possui duas modalidades, a *BMX Racing* (neste ocorrem às corridas no maior estilo *Motocross*) e a *BMX Freestyle* (Estilo livre em uma tradução literal essa é a modalidade de manobras livres, como aquelas piroetas e grandes saltos).

Há pessoas que não conseguem felicidade extrema sem aquele “toque” mais. No caso de quem pratica o *BMX* sabe muito bem que a adrenalina os deixa muito mais felizes. Não existe outra explicação para o sorriso de felicidade no rosto dos jovens que saltam e fazem piroetas na pista no centro esportivo Giro Nardi.

As marcas pelo corpo pouco importam, algumas talvez, sejam exibidas como um troféu, não que isso seja errado. Pelo contrário! Isso é a amostra de que um limite foi superado, um medo foi vencido. Essas marcas os deixam tão imortais quanto os deuses do Olimpo, ou quase:

- Tem a história que eu vi em um site, de um cara que pratica *BMX*, que quando caiu se bateu na bike e depois de sentir muita dor ele foi ao médico. Eles não acharam nada nele, depois de umas semanas conseguiram descobrir... o estômago dele tinha rompido... conta Leonardo Kupfer, 23, que pratica a modalidade desde 2001.

- Tem também a de um camarada nosso que caiu aqui na pista e quebrou a clavícula. Ele me perguntava se tinha quebrado e eu vendo o osso saindo respondia que ia ficar tudo bem. Ainda tivemos que levar ele até o portão do Ginásio porque o *SIATE* não vem até aqui. As vezes os caras pensam que é trote, né. Porque tipo “o cara caiu de bicicleta”. Os cara ficam falando: “pô, o cara caiu de bicicleta”?

- Essa marca foi do guidão, essa do pedal... comenta Rafael Neto, 17, que pratica há 7 meses e mostra as marcas pelo corpo na região do abdome.

- Pra arrebentar o baço é facinho, facinho – completa Leonardo enquanto Rafael concorda.

Não, não somente de acidentes vive esses esporte. Como todos os outros ele tem seus perigos. Mas não é pra isso que todos estamos todos vivos?

- Como vocês entraram nesse mundo da *BMX*?

- Tem um amigo meu, que graças a Deus ele ainda anda de bike, o Robson, ele tinha uma bicicleta. Daí um dia eu vi ele fazendo umas manobras e comecei a pirar. Juntei uma grana comprei uma bike e comecei ficar vendo ele andar. Não começo eu só acompanhava ele, daí depois de um tempo eu comecei a pegar o rumo da coisa – responde Leonardo.

- Eu comprei uma bicicleta e comecei a tentar fazer umas manobras... conta Rafael

Quando Rafael sai para fazer uma manobra Leonardo comenta:

- Esse cara tem potencial. Pode até vir profissional.

- E você o que quer ser?

- Eu quero trabalhar nisso cara, se não der pra ser profissional eu quero fazer vídeos de *BMX*, tem um monte de piloto que faz vídeos disso. Se der pra ganhar um real com isso eu faço, porque é o que eu gosto.

O esporte, que pode ser realizado em uma rua com alguns obstáculos, é praticado por um grupo mais ou menos 30 pessoas, geralmente em uma pista no Giro Nardi.

- Juntar todo final de semana com os 30 não dá, mas a gente se reúne sempre que possível. Antigamente tinham bem mais – conta Leonardo.

O maior problema que os pilotos enfrentam são as dificuldades da pista que não tem iluminação noturna, têm partes que ainda não ficaram prontas de uma reforma não acabada.

A pista, onde praticam na maior parte das vezes, é dividida com alguns skatistas que, no passado, segundo Leonardo tinham bastante rixa com o pessoal que praticava *BMX*.

- Se os skatistas parassem de avacalhar a gente! Todo mundo andasse junto. A pista ainda tinha luz, tinha tido uma reforma bem mais substancial. A gente até tinha o ideal, mas não tinha o volume... completa Leonardo.

- Eu não era dessa época, mas agora o pessoal está se unindo mais... diz Rafael.

Mas todos os problemas parecem ter ido embora quando começam a andar.

Saltos que compõe uma espécie de balé furioso entre uma e outra extremidade da pista. Um tombo aqui...outro acolá...

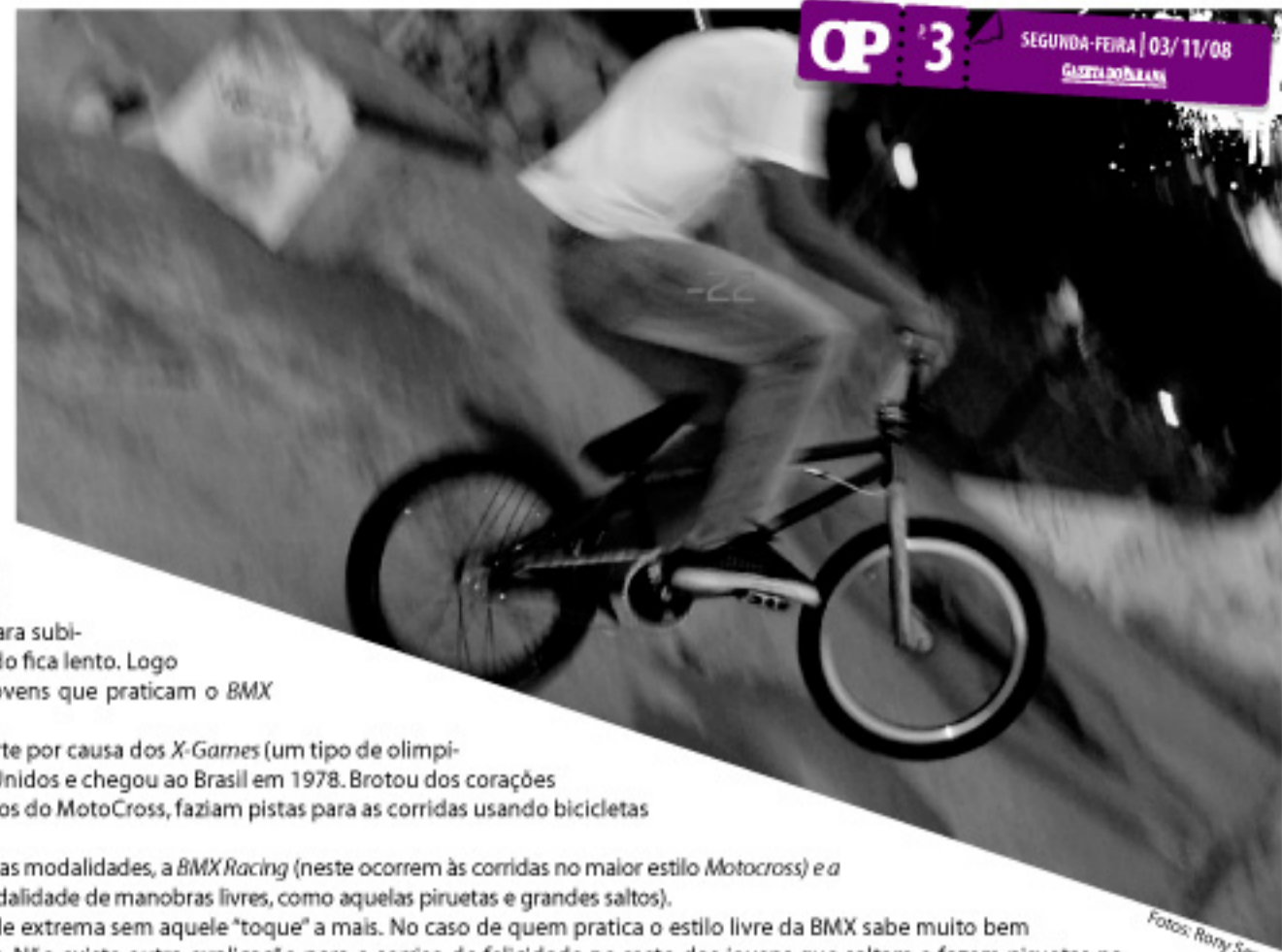
- Essas bordas molhadas são perigosas! Tem que tomar muito cuidado.

- Oh! Compra uma bike e aparece aí pra andar com a gente!

- Sei lá, eu sou meio medroso pra isso e não sou bom não.

- Não esqueanta não, dizem que é 80% de psicológico e 20% de habilidade.

- Medo todo mundo tem, mas...[pausa] do chão não passa! ☐



Fotos: Rony Santos

## UM PAR HISTÓRIA DE PÉS E PEDAIS

☐ Ana Paula Detsch (Jornalismo -FRG)

Fico aqui parada pensando em como os dias mudaram. Naquela época eu era muito mais feliz. Me sentia mais útil. Hoje em dia para tudo existe alguma modernidade, seja o carro, seja a moto. Falando em moto, não vejo graça naquilo, ela é igualzinha a mim, a única diferença é que tem um motor. Mas motor é uma coisa tão chata, pesada, feia... para não dizer suja, nossa, quantas impurezas um motor produz... Ah! Aqueles sim eram bons tempos.

Eu ainda me lembro daquele homem jovem, de cabelos castanhos vindo em minha direção. Quando ele chegava, eu já começava a sorrir. Nós éramos em 9.

Ela, a esposa, os 6 filhos e eu. Não me lembro muito bem quanto tempo faz, mas lembro que morávamos no sítio. E era eu quem levava ele até a cidade para vender o leite e

comprar comida. Iamos nós dois por aquelas estradas de terra. Sobee, desce, sobee, desce. Andando pelo interior de Marechal Cândido Rondon, sempre de olho nas plantações ao redor... E que plantações... Tudo tão bonito. Pena que naquela época se tinha muita natureza mas pouca consciência: usavam muito agrotóxico. Hoje ainda fazem isso, mas alguns já estão mudando a forma de pensar.

Mas voltando ao assunto. Ah! Como era divertido passear com aquele jovem pai de família. Às vezes a esposa dele ia com a gente, na minha garupa. Ah... era tão legal. E a gente percorria vários lugares, andávamos incansáveis por quilômetros e mais quilômetros, íamos até a cidade, olhávamos tudo, e a noite lá voltávamos para a casa, onde tudo era tranquilo.

O tempo foi passando, os filhos foram crescendo e saindo de casa. Até que um dia, um dos filhos comprou uma casa na cidade. Foi uma alegria, um filho com casa própria. Essas crianças crescem rápido mesmo. Mas o difícil foi quando esse filho se mudou para outro estado, deixando a casa para os pais. Nós agora íamos nos mudar do nosso pequeno refúgio para a cidade. Tudo bem que não era uma cidade muito grande, mas tinham os carros, a poluição, e tudo isso. Eu me sentia tão triste. Ficamos muito tempo nos preparando. Arrumando tudo, empacotando as coisas. A esposa dele quis começar a arrumar a mudança um mês antes do dia efetivo. (risos), sempre apressada.

Quando finalmente chegou o dia de me despedir da chácara, um vazão tomava conta de mim, era como se eu estivesse deixando um pedal ou um aro para trás. Era parte do meu ser.

Chegamos na cidade, todos dentro do carro da família. A casa era linda. Confortável. Mas não tinha a mesma paz. E por ali fomos vivendo, vendo as crianças crescerem e se mandarem. Até ficarmos só nós três. Eu, o Seu Horst, (o meu dono que nessa época já era mais chamado de Vô), e a esposa dele.

E é assim até hoje. Claro, agora, nós temos quatro cachorros, é uma folia. Moramos em outra casa e ele já trocou de carro várias vezes. Só não trocou de esposa: 63 anos de casado... É um bom tempo *heh*.

Até hoje o Seu Horst Herich Detsch, está 85 anos e uma saúde de ferro. É o meu melhor companheiro. A gente vai para cima e para baixo. Vai ao mercado, carrega compras, vai passear e trabalhar. É muito bom. Só usa o carro quando a esposa vai junto. E olha que eu tenho certeza que toda essa saúde é por minha causa. A melhor amiga daquele homem, certamente sou eu, a bicicleta. A bicicleta! ☐



Fotos: Evandro Paulo

**Outra Pauta Turma 2**

**DIRETOR-GERAL**  
Marcos Formighieri

**DIRETOR ADMINISTRATIVO**  
Guilherme Formighieri

**EDITOR OUTRA PAUTA**  
Prof. Dr. Sílvio Demétrio

**REVISÃO**  
Prof. Dr. Sílvio Demétrio

**PROJETO GRÁFICO E ILUSTRAÇÕES**  
Douglas Menegazzi

**CHARGES/ CONTRIBUIÇÃO:**  
Leonardo de Oliveira  
Stanis David Laczowicz

**EQUIPE**  
Andressa M. B. Roque  
Evandro Paulo  
Ana Paula Detsch  
Juliana Tokariki  
Leandro C. Navarro  
Luciano Neves  
Mirella Ferraz  
Robertson Lima  
Rony Santos

**CONTATO**  
Rua Fortunato Betbber, 868  
Jardim Pacaembu  
Cascavel - Paraná - Brasil  
CEP 85808-360  
FONE: +55 45 3218-2500

[outrapauta.wordpress.com](http://outrapauta.wordpress.com)  
[outrapauta@gazetadoparana.com.br](http://outrapauta@gazetadoparana.com.br)



Fotos: Rony Santos

Foto: Juliana Tokarski

NÃO AO MOTOR

## "PEDALANDO, PEDALANDO NA BICICLETINHA"

Juliana Tokarski (Jornalismo - UNIPAR)

Era pequena, e a bicicleta era a maior das minhas paixões. Quando aprendi a andar, nossal! Era uma alegria única. Olhava para os ralados dos joelhos, e uma euforia surgia com uma lágrima que rolava do meu olho. Não era uma lágrima de dor, e sim uma lágrima de orgulho próprio. Pois tinha aprendido o que se mais quer aprender quando pequeno: Parar em cima de uma bike.

Em alguns aspectos, tudo isso mudou. Hoje, eu já nem ando mais de bicicleta, prefiro andar de moto. Muito mais prático, já que não cansa. Porém, nem tudo está

perdido. Falar em bicicleta já não é mais só coisa de criança. Os adultos a adaptaram para o dia-a-dia. Muitos trabalham com ela, outros a têm como um esporte de fim de semana, e há alguns que deixaram de lado o apertado ônibus para pedalar livremente pela cidade até o trabalho.

Os que optaram por andar em cima de duas rodas, sem qualquer motor, começam a perceber os benefícios que esse tipo de transporte traz. O pedalar faz a vida ficar ainda melhor. Um exemplo disso é o cobrador Sérgio Strieski, 54 anos, morador de Cascavel há 32 anos, cobrador há 12. Da casa do seu Sérgio até o trabalho são três quilômetros e meio. Apesar do ônibus ser mais rápido que a bicicleta, ele ainda prefere a bicicleta.

- Eu demoro 20 minutos de bicicleta, de ônibus demoraria 15. Confesso, sou bem sedentária. Realmente, prefiro um carro



ou uma moto. Então, porque alguns ainda trocam um transporte mecânico por um que exige força física? Seu Sérgio responde:

- Uma porque nesse horário que eu começo a trabalhar ainda não tem ônibus pra eu vir, e outra que me sinto melhor, meu preparo físico se mantém muito melhor e a bicicleta é saudável para todos.

Seu Sérgio começa trabalhar às 5 horas da manhã. No entanto, muitas pessoas, por algum motivo, deixaram de utilizar a bike.

- Quando eu morava em Assis Chateaubriand ia todos os dias ao trabalho de bicicleta. Eu gostava de pedalar. Sentia que quando andava com ela, minha condição física era melhor do que agora.

Quem conta é a estudante de jornalismo Fabiana Padovan Vieira. Ela também comenta que aqui em Cascavel não andaria de bicicleta:

- Não se pode andar na calçada porque tem pedestre, tem pessoas entrando e saindo de estabelecimentos. Na rua você corre o risco de ser atropelada pelos carros, são três faixas na pista de rolamento e são dedicadas apenas aos carros - encerra Fabiana.

Seu Sérgio faz uma ressalva ao dizer que a maioria dos motoristas respeitam os ciclistas:

- Procuo sempre andar mão correta, para respeitar o trânsito e o trânsito me respeitar também.

Como dito, os benefícios do pedalar são grandes. Com certeza, a musculatura estará em exercício, e os quilinhos que sobram vão embora. Fabiana diz que se existissem mais ciclovias em Cascavel as pessoas deixariam de andar de carro ou de ônibus para andar de bicicleta.

- É muito mais saudável e econômico e não polui o meio ambiente. A pessoa que anda de bicicleta se beneficia individualmente mas ajuda todo mundo.

Agora sou grande. Faz anos que não ando de bicicleta. Mas reconheço a força de vontade de quem faz da bicicleta seu transporte. Quem sabe eu volte a andar de bike. Quem sabe... Mas deixo registrado os parabéns a todos os ciclistas, que dizem não aos motores e sim à saúde e bem-estar pessoal. ☑

CRÔNICA

## MAMÃE QUERIDA NUNCA APRENDEU A PEDALAR

Bruna Hissae/ Oficineira Turma 1  
(Jornalismo - UNIPAR)

Quando ganhou a bicicleta. Era - ainda é - baixinha, cabelos castanhos, compridos. Ela devia ter seis anos e era sua festa de aniversário. Estava vestindo um macacão tão bonito com as bordas cor-de-rosa, parecia uma menina de catálogo, aquelas que sorriem como se o mundo fosse algo legal. Na foto tinha outra pessoa também, tão linda quanto ela, não percebe-se, mas são irmãs.

- Na verdade ela que ganhou, mas quem usufruía do novo equipamento, super moderno e fashion naquela época seria eu.

Esta pequena introdução é só para dizer que o assunto é a bicicleta. Em fato, são minhas irmãs, mas o que realmente importa mesmo nesta situação é que todo mundo tem histórias sobre bicicletas e eu, tenho várias. O que te contarei hoje é sobre a minha mãe. Mamãe querida nunca aprendeu a andar de bicicleta.

Constantemente me pergunto como uma mãe que não sabe andar de bicicleta dá um veículo não motorizado para uma pequena garota?

Eu não posso falar nada, ganhei a minha quando tinha cinco anos. Como acessório minha bicicleta tinha rodinhas, e eu morria de inveja, já que a do meu irmão não precisava dessa ajuda. Se não me falha a memória e conforme narra a língua afiada do meu pai, andei duas semanas com as rodinhas, depois

obriguei que ele as tirasse. O número de tombos foi diretamente proporcional ao número de vezes que meu pai se negou, por saber que eu poderia sair um pouco machucada. Mas nada que os meus joelhos não conseguissem superar após alguns dias.

Eu perguntei para a minha mãe porque ela nunca aprendeu a andar de bicicleta, ela não soube responder. Ela não nasceu na cidade - um dos jeitos sutis de dizer que ela nasceu na roça - e esse é mais um motivo para ter aprendido, já que a bicicleta era um meio fácil e prático para se chegar aos locais naquela época.

Há oito anos foi a última vez que vi minha mãe andar de bicicleta. Ou pelo menos tentar. Sabe aquelas bicicletas que já foram famosíssimas, com cestinha na frente, conhecidas como jardineiras? Foi em uma dessas que ela "montou". A bicicleta, de modelo tipicamente feminino na década de noventa, era rosa em um tom enferrujado. Ainda tinha a cestinha, e poderia



acomodar mais alguém na garupa. Mas isso só se o voluntário fosse muito corajoso. Foram três certezas pedaladas, um começo de tombo curvando o guidão para a esquerda, um grito de pânico e uma queda em gargalhadas. Nunca dei tanta risada na vida com palhaçadas da minha mãe.

Depois disso acho que ela nunca mais tentou, e olha que ela não é uma mulher que costuma desistir fácil.

Mas voltando a pergunta anterior: O que faz uma mãe que não anda de bicicleta dar esse tipo de brinquedos para os filhos? Fácil, o desejo de fazer com que os filhos tenham histórias bacanas para contar. Como aquela vez em que eu quase cometi uma tragédia sobre as duas rodas, quando quase fiz um ônibus passar em cima de um carro com cinco pessoas a bordo. Eu já superei o susto, pois nada de mais grave aconteceu. Porém acredito que esse seja mais um ponto a favor da fobia da minha mãe por essa maravilhosa, (e perigosa) invenção. ☑

40 ANOS, MAS COM CORPINHO DE 20...

## SOBREMAGRELAS RECAUCHUTADAS

Ana Paula Detsch (Jornalismo -FAG)

Segundo o site Wikipédia, "a bicicleta é um veículo com duas rodas presas a um quadro, movido pelo esforço do próprio usuário (ciclista) através de pedais", mas para o Seu Antonio de Moraes ela é muito mais do que essa simples e fria definição. Ele vê na bicicleta não só um hobby ou esporte, mas sim uma paixão.

Ele ganhou a primeira bicicleta quando tinha nove anos, uma monareta azul. Mas não foi só a partir daí que se encantou com as magrelas...

- Da onde vem essa paixão por bicicletas?

- Ah! Isso vem do berço. Desde que eu nasci sou fascinado por bicicleta. Quando ganhei a primeira, ter uma bicicleta era como ganhar um carro zero.

- E o senhor usava a bicicleta para ir a todo lugar?

- Sim! Eu usava para ir para a escola, levar o almoço pro meu pai e até para namorar. (risos).

Hoje, já adulto e com filhos, Seu Moraes anda de carro. Mas ainda vê na velha amiga um hobby. Ele coleciona, restaura e vende bicicletas antigas.

- Mas só faço com bicicletas feitas até os anos 70. De 80 para cá já não é mais antiga, já não é a mesma coisa. (risos)

- E de onde o senhor consegue essas peças para a restauração?

- Bom, as bicicletas muitas vezes eu compro por aqui mesmo, até em ferro velho tem. Mas preciso comprar muitas peças pela internet, porque são difíceis de encontrar.

- E qual a peça mais difícil de encontrar?

- O paralamas. Porque como tinha muito barro travava a roda, então todo mundo tirava o paralamas. Mas assim, os punhos eram de madeira, o cavalete de moto, e tinha até farol com dinamo de 12 volts, então dava para andar à noite tranquilo.

- E como funcionava esse farol?

- Era assim, o dinamo ficava na roda, então quando andava o farol acendia. Bem legal. As bicicletas tinham também uma alça, para atravessar o atoleiro quando chovia.

- Quem compra essas bicicletas restauradas?

- Ah! Eu já vendi para o Brasil inteiro. Normalmente são pessoas com uma condição financeira mais estável, porque custa caro, uma bicicleta dessas custa em média mil reais. Tem até de 30 mil na internet.

O trabalho é valorizado devido ao fato de ser minucioso: para montar uma bicicle-



Foto: Ana Paula Detsch



ta Antonio leva em média três meses. Para vender então, o tempo é ainda maior. Uma das bicicletas que mais me chamou a atenção era dobrável. Ele me explicou que nos anos 70 era costume levar a bicicleta para a praia, dentro do porta-malas, por isso dobrável. Uma bicicleta dobrável. Pena que a moda não persistiu... Eu adoraria ter uma.

E quem pensa que de bicicleta ele só entende de restauração, se engana. Ele sabe, e muito, sobre a história das bicicletas no Brasil.

- Todas as bicicletas que você restaura são produzidas no Brasil?

- Não! Em 50 o Brasil nem produzia bicicleta. Elas eram importadas, a maioria da Suécia ou Alemanha. A partir de 60 já tem bicicleta produzida por aqui mesmo.

- E já que estamos falando de história da bicicleta, o senhor conhece alguma história legal que envolva alguma das bicicletas que você reformou?

- Sim! Tem uma que eu usava para namorar. (risos). E tem uma que eu reformei de um homem que morava em Cambé e ia até Londrina de bicicleta com a namorada na garupa, tudo isso só para namorar. (risos).

- E o que aconteceu com eles?

- Casaram. Estão casados a 50 anos. A bicicleta além de ajudar a manter a forma e proteger o meio ambiente é praticamente um cupido! ☑